

DF-Cinema

Bangue-bangue no Gama

Cineasta dribla a falta de dinheiro e mobiliza população para seu quinto filme, *Gringo Não Perdoa, Mata!*

LILIANE MACHADO

"Braza de Brasil. Braza de bombeiro. Braza de bom". É assim que se autodefine o bombeiro Afonso Braza que, nos finais de semana, se transforma em cineasta. Enquanto realiza seu quinto longa-metragem, *Gringo Não Perdoa, Mata!*, ele é seguido atentamente por uma equipe de cerca de cem pessoas, na fazenda Cerâmica Marília, localizada nas proximidades do Gama. Além da direção, ele se ocupa com a câmera, faz modificações no roteiro que ele mesmo escreveu e a qualquer momento pode entrar em ação como ator. Sua mulher, Claudete Jaubert, interpreta a gringa do título, que não perdoa seu pai, um xerife covarde, a quem ela culpa pelo desaparecimento do marido.

O faroeste, gênero preferido de Braza, tem como cenário o cerrado de uma fazenda de terreno acidentado que, com algum esforço do público, pode fazê-lo lembrar-se dos desfiladeiros dos *westerns*. Braza conseguiu criar um gênero bem mais singular, uma mistura de produção mam-bembe regada a muita vontade de fazer cinema e uma criatividade quase *trash*, ainda que não seja este o seu propósito.

Os filmes preferidos do cineasta são os estrelados por Sylvester Stallone. Se tivesse recursos suficientes estaria trabalhando com mais efeitos especiais, como seu ídolo. Na falta de verbas, ele simplesmente improvisa. Em sua obra anterior, *Inferno no Gama*, ele diz que havia idealizado cenas de explosões e quedas de helicópteros. Sem estes efeitos, o policial ficou mais comportado mas não perdeu em movimentações.

Sempre aos domingos - A maioria das cenas são de exterior e o elenco, fora ele próprio e a mulher (que fizeram escola no cinema da Boca do Lixo) é formado por amadores. As filmagens só são feitas aos domingos, pois nem o cineasta nem o resto da equipe podem filmar nos outros dias da semana. As locações são feitas em chácaras ou fazendas que os amigos do Gama lhe emprestam. Os 60 revólveres que ele vai usar nas cenas de hoje serão emprestadas pela Polícia Militar.

Para as cenas de estúdio ele pretende construir uma cidade cenográfica. Como, pergunta-lhe a reportagem. Ele responde que isto é muito simples. Era um de seus trabalhos na Boca do Lixo (região situada no centro de São Paulo onde se filmou a maioria das pornochanchadas dos anos setenta). "Construo a fachada da cidade fictícia de Santa Rita em uma semana, com a ajuda dos colegas".

Equipe - Braza comanda todos os trabalhos. Mas é a equipe de amadores que o cerca que viabiliza os sonhos deste *Dom Quixote do cerrado*. Paulo Pereira, funcionário do posto do INSS do Gama, é seu diretor de produção. Denise Michel, operadora de computador, é a assistente de produção. Há um número considerável de atores que também prestam outros tipos de serviços.

A única reclamação da equipe é a falta de apoio estatal para os filmes que realiza. Ninguém entende, por exemplo, por que o Pólo de Cinema e Vídeo não foi implantado no Gama, ao invés de Sobradinho ou por que eles não obtêm apoio para a produção. Braza, mais otimista, diz que tem planos de realizar uma mini-Hollywood no Gama, nos próximos anos.

A conversa e as filmagens interrompem-se quando começa a cair uma chuva forte e todos saem correndo para um bar improvisado ali perto. Depois de comer uma sopa rala, servida em copos, todos caem no forró, numa ani-

FOTOS: ANDRÉ BRANT



Mais de duzentos figurantes participam do novo filme de Afonso Braza, *Gringo não perdoa, Mata*, que está sendo rodado somente aos domingos na satélite

mação que poucos *sets* de filmagens já devem ter presenciado.

Dinheiro - Sem patrocínio e tendo que bancar com recursos próprios os seus filmes, através de um salário de CR\$ 300 mil como soldado do Corpo de Bombeiros e de uma pequena locadora de vídeo, Afonso Braza tem estratégias curiosas. Ao invés de comprar as latas de negativos diretamente nas lojas, ele as compra de colegas que têm material sobrando e querem se desfazer deles. A economia é considerável. Hoje, uma lata de quatro minutos de filme tipo 4257, colorido, está custando por volta de CR\$ 150 mil. Ao comprá-la de terceiros, ele não gasta mais que CR\$ 40 mil.

Com paciência e boa vontade ele vai explicando os detalhes da operação: "Quando algum de meus amigos de São Paulo tem negativo sobrando eles me ligam. Vou até lá e, antes de comprar, eu testo para saber se não estão vencidos. O teste é feito na Líder Cine Laboratórios". Ainda que garanta que não trabalhe com filmes vencidos, isto acontece fatalmente e pôde ser observado nas cores desbotadas de *Inferno no Gama*.

Equipamento - Braza filma com uma câmera Camiflex, alemã, que já tem 25 anos de uso, segundo os seus cálculos. Comprou o equipamento de um amigo da Boca do Lixo e garante que com ele ainda vai fazer uns dez filmes. Nascido em São João do Piauí, ele deixou a cidade em companhia da família, aos três anos de idade. Hoje, aos 39

anos, casado com Claudete Jaubert, ex-atriz da Boca e atualmente exclusiva de suas produções, o cineasta parece ser um homem realizado, conforme deixa escapar pelas declarações.

"Cinema para mim é uma diversão, não tenho fins lucrativos, estou apenas realizando meu sonho", avalia. Como bombeiro, ele também se considera um felizardo: "Tenho muito orgulho de ser bombeiro, já salvei muitas vidas e os meus colegas sempre me apoiam nos meus filmes". A profissão surgiu-lhe num momento difícil, quando largou as produções na Boca do Lixo, onde trabalhou de 70 a 80, como técnico e, eventualmente, em pequenas pontas como ator.

Veio para Brasília em seguida e, pouco a pouco, começou a viabilizar a produção dos filmes. O primeiro foi *O Matador de Escravos*, seguido de *Os Navarros*, *Santhion Nunca Morre*, *Inferno no Gama* e atualmente *Gringo Não Perdoa, Mata!*. O filme está orçado em CR\$ 40 milhões (Braza é o único cineasta brasileiro que ainda faz os cálculos de sua produção em cruzeiros reais e não em dólares).

Ritmo - Segundo suas projeções, ele vai levar cerca de quatro meses para finalizar as filmagens, pois só pode trabalhar aos domingos. "Não dá para deslocar a equipe todos os dias da semana, fica muito caro", explica, enquanto toma fôlego na preparação de uma das cenas. No geral, ele faz uma única tomada, depois de ter ensaiado duas ou três vezes com o elenco.

Não é preciso fazer silêncio enquanto ele filma. Sua câmera não grava som. Todas as vozes são dubladas posteriormente, em São Paulo. Mas não pelos atores, pois ninguém tem dinheiro suficiente para ficar dias em São Paulo gravando as vozes, muito menos o cineasta.

A montagem é rápida: "Eu monto o filme em dois dias, pois tenho tudo na cabeça. Os diretores que trabalham com montadores especializados é que gastam meses para fazerem a montagem pois a todo momento precisam consultar o roteiro", teoriza. Dirigindo cenas com cerca de cem pessoas, ele conserva o semblante tranquilo, sem alterações. Os amigos da equipe confirmam: "ele nunca perde a calma, por isso todos gostam tanto dele".

